
ENTRE IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES: AS MULHERES FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE E SUAS PECULIARIDADES

Sâmala Sonaly Lima Oliveira
(Mestranda-UFCG)
samala_sonaly@hotmail.com

As mulheres feirantes trabalham em vários espaços da Feira Central, vendendo seus produtos como: verduras, raízes, brinquedos, plantas, frutas, doces e queijos entre outros produtos, estando assim inseridas no mercado informal¹, como uma estratégia de sobrevivência, visto que, algumas mulheres não conseguiram trabalho formal e tem como opção o trabalho na feira para obter uma renda mensal, o sustento do lar; outras assumem o papel de chefia do lar.

O objetivo deste artigo é analisar as identidades e subjetividades de sete mulheres feirantes, através dos relatos orais buscamos compreender a pluralidade existente no discurso delas. Nesse texto optamos por usar as iniciais dos nomes das entrevistadas; bem como ao citá-las utilizamos apenas a data em que foi realizada a entrevista.

O crescimento da produção historiográfica permite apontar que as mulheres atuaram/atuem, tanto quanto os homens, na história. Sendo assim, nas últimas décadas, percebe-se que a historiografia sobre as mulheres vem aumentando devido a sua participação na sociedade, na organização familiar, na política e no campo do trabalho. Essa temática ganhou notoriedade e abriu novos espaços. Portanto, analisar as identidades e as subjetividades das mulheres feirantes se enquadra nesse contexto de buscar novos objetos de estudos, voltados para uma produção que vem aumentando e adquirindo um caráter pluralista, abarcando diferentes formas de abordagens e conteúdo diversificado.

Analisar como se constituem as identidades das mulheres feirantes através das narrativas orais está relacionado à questão de como elas se instituíram, se apropriaram no espaço em que trabalham; como elas construíram as suas subjetividades, mostrando assim uma forma de ser. Essas construções narrativas fornecidas por elas requerem uma decodificação, pois é um texto que possibilita a sua interpretação. A linguagem delas tem significados, que envolvem assim a questão de representação como afirma

Woodward (2000)ⁱⁱ “*A representação inclui as praticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionado-nos como sujeitos.*” (WOODWARD; 2000:17).

O perfil das entrevistadas do referido estudo não apresenta homogeneidade, se trata de uma heterogeneidade, que está presente no perfil sócio-econômico no qual variam os salários entre 1 e 2 salários mínimos, o nível escolar, o lugar onde moram e as suas escolhas na comercialização de um produto.

Nesse sentido, buscamos analisar as identidades das mulheres feirantes na concepção teórica de Hall (1998), percebe-se que essas mulheres têm uma identidade no plural e não una, porque cada uma tem as suas próprias subjetividades e peculiaridades, começando pelo meio de inserção no trabalho da feira. Como podemos observar através dos relatos, que isso varia de acordo com cada mulher; algumas começaram a trabalhar na feira devido aos seus país, outras por serem demitidas do emprego vêem a feira como oportunidade de emprego, para conseguir uma renda.

Para Hall com a modernidade, emerge a crise dos paradigmas como questionamento em torno da identidade que para ele não pode ser vista como uma, mas sim no plural. Pois as velhas identidades que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fragmentando o indivíduo moderno, que antes era visto como um sujeito unificado, possibilitando o surgimento de novas identidades.

“(…) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.” (HALL;1998:13)

O sujeito que era visto com uma identidade unificada e estável vem passando por uma fragmentação composta por várias identidades, produzindo assim o sujeito pós-moderno, sem identidades fixa essencial ou permanente. A identidade passa a ser uma “celebração móvel”: formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representadas nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades produzidas devido às circunstâncias econômicas e sociais. Silva (2000) afirma que a teoria cultural e social vem percorrendo vários territórios da identidade, descrevendo os que tentam fixá-la assim como aqueles que impedem sua fixação. Tem sido analisada: as identidades nacionais, as identidades de gênero, as identidades sexuais, as identidades raciais e étnicas. Elas obedecem a dinâmicas diferentes. Essa multiplicação de identidades é causada, em alguns casos, pelo progresso da globalização na contemporaneidade. Nesse estudo temos como interesse a identidade de gênero, voltando-nos para compreensão das identidades das mulheres feirantes.

As identidades e diferenças: as escolhas sobre os produtos para negociar

A identidade é marcada pela diferença e por símbolos que podem ser percebidos através dos produtos que as mulheres feirantes vendem; como afirma Woodward *“Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma (ela) usa.”* (WOODWARD; 2000: 10). Nesse caso, as feirantes se identificam com aqueles produtos vendidos por elas, através dos relatos das entrevistas algumas afirmam que é mais vantajoso trabalhar com tal produto por ser mais barato do que outro, segundo G. F. S.ⁱⁱⁱ: *“Eu acho que as condições financeiras é mais para comprar as outras mercadorias, aí não dá.”*^{iv}, dando ênfase que negociar com frutas e verduras é mais barato do que com outros produtos visto que essa feirante trabalha com esse tipo de mercadoria desde criança, pois acompanhava seus irmãos e mãe no trabalho na feira. L. R. S.^v comercializa na feira vários produtos como: castanha, amendoim, fubá de milho, colorau, alho, sacolas e rapadura de todo tipo, desde criança como G.F.S. que acompanha o trabalho da sua mãe na feira, ela afirma: *“Porque eu já me acostumei desde pequena nesse né, mas eu só vendia poucas coisas, mas agora eu vendo muitas coisas, cada vez vai crescendo mais, vai aparecendo e a gente vai botando mais [mercadorias].”*^{vi}

Já M.S B.^{vii} menciona o caráter duradouro da sua mercadoria, pois ela vende tempero, alho, colorau, amendoim e raiz:

“Não porque esses produtos são digamos assim um produto mais durativo, assim se você não vender hoje, você pode vender amanhã, durativo porque não se estraga rápido como verdura, alface, queijo esses negócios né. Por isso que é melhor trabalhar com esse tipo de produto.”^{viii}

Na fala da feirante M. G. D. C. M.^{ix} percebe-se que ela dá ênfase em ter um Dom, uma vocação em trabalhar com comidas, ela afirma: *“Porque eu acho que a minha vocação é trabalhar mesmo com comida, a minha e a da minha irmã também. É porque eu acho que é Dom mesmo. Eu já ajudava a minha irmã e isso facilitou, porque ela trabalha com comida para fora.”*^x. Através desses relatos, podemos observar que cada uma dessas mulheres, tem suas preferências por trabalhar com uma mercadoria, seja pelo preço, pela tradição ou pela qualidade, cada uma tem a sua preferência.

A teoria cultural contemporânea mostra que a identidade e a diferença estão associadas a sistemas de representações. E a representação é a marca ou traço visível exterior; é através dela que a identidade e a diferença adquirem sentido.

“(…) a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação.” (SILVA; 2000:96)

A identidade não pode ser compreendida como algo fixo e estável, ela não é definida e acabada. Com o passar do tempo ela vai se reconstruindo, passando por transformações. Tomamos como exemplo os casos de M. S. B. e M. G. D. C. M. por serem duas mulheres que não trabalhavam na feira, mas como foram despedidas dos seus empregos, perceberam que a feira era uma opção de emprego e renda para sustentar a família. M. S. B. trabalhava num hospital como servente e copeira, foi despedida e uma colega lhe trouxe para trabalhar na feira, fazendo assim 17 anos que ela trabalha no mesmo lugar. Já M. G. D. C. M. *“Não, eu trabalhava numa firma depois que eu sai de lá vim para cá. Fiquei sem arrumar emprego ai surgiu a oportunidade de trabalhar na feira.”*^{xi} Ela mostra que encontrou a oportunidade de emprego na feira, e que foi iniciativa própria comprar uma barraca para comercializar lanches. Essas duas mulheres ocupavam um lugar formal, quando passam a trabalhar na feira, mercado informal, passam a reconstruir a sua identidade.

Essas mulheres têm identidades diferenciadas que entram em conflitos constantemente mulher dona de casa, chefe do lar e feirante. E isso não se mostra de forma pronta e acabada, mas que está sempre em processo de transição visto que, essas mulheres assumem mais de uma função, ou seja, múltiplas atividades que são desenvolvidas por elas no seu cotidiano, compondo as identidades de cada uma.

As identidades e subjetividades

A identidade e subjetividade conforme Woodward (2000) são termos usados de forma intercambiável. A subjetividade está relacionada à compreensão que temos sobre o nosso eu, envolvendo nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Contudo as mulheres feirantes vivem suas subjetividades em um contexto social que a linguagem e a cultura dão significado à experiência que elas mesmas têm e no qual elas adotam uma identidade. As posições que elas assumem e se identificam constituem suas identidades. *“O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade.”* (WOODWARD; 2000:56).

Essa noção de identidade atrelada à subjetividade, pode ser percebida, quando questionamos “Você se considera a chefe do lar?”, as respostas para essa pergunta foram diversificadas.

Assim temos algumas falas dessas mulheres feirantes que se consideram a “chefe do lar”. R. S. B.^{xii} nos relata: *“‘chefe do lar’ sim no sentido financeiramente e dona de casa também. Na minha concepção ser dona de casa é arrumar a casa, limpar, lavar os pratos, fazer a comida tudo que envolve a casa.”*^{xiii}. Através dessa fala percebemos que o pensamento dela de ser dona de casa vai estar voltado para o espaço privado, as atividades domésticas. Já G.F.S. considera-se a “chefe do lar” pelo fato dela ser independente do marido, visto que ela sai para trabalhar na feira e o seu marido fica em casa tomando conta dos animais e da plantação de laranja. . M. L. S.S.^{xiv} nos fala: *“Me considero visse, porque o marido ganha pouco né, aí a gente tem que ajudar.”*^{xv} Segundo ela 90% da renda da família sai do trabalho dela e o seu marido não lhe ajuda na feira.

M. G.D.C.M. trabalha numa barraca de lanches e divide o serviço com o marido, sendo que ela trabalha no horário da manhã e o seu marido no horário da tarde. Ela se considera a “chefe do lar” porque organiza as finanças da família “*separando [dinheiro] para pagar todas as contas e fazendo umas economias*”^{xvi}, essa feirante afirmou que foi bom o marido não estar na hora da entrevista, “*Ainda bem que ele não esta aqui, posso responder essa pergunta*”^{xvii}, se não ela poderia ser constrangida por ele quando fosse responder. Diferente de outra entrevistada quando indagada sobre essa questão, o seu marido estava por perto e ela se sentiu intimidada, porque ele ouviu a pergunta e falou agora quero saber a sua resposta, ela ficou tímida e respondeu que o seu marido é o “chefe do lar”. Isso deve ao fato da figura masculina ser considerado o representante legal da família, cabendo ao homem a função de sustentar e prover a família, sendo assim ele se considera o chefe. Mesmo ela trabalhando ao lado dele o dia todo, o trabalho dela é visto por ele como secundário.

Para E. F. S. L.^{xviii} quando responde a pergunta nota-se uma confusão em definir quem é o/a “chefe do lar”, mas no final ela chega a uma conclusão que é o seu esposo, mostrando assim uma opinião machista em afirmar que o homem é a cabeça de tudo. Ela afirma: “*Me acho, não (risos) É ele né, não sou eu, o chefe é ele. Porque assim é ele que comanda mais as coisas dentro de casa né, porque o cabeça de uma casa é um homem e não uma mulher, eu penso assim, não sei você*”^{xix}. Outra vez mais um discurso que traz a idéia de que o homem é o “chefe do lar”, voltando-se para um ideário tradicional, que afirmava que o homem era o provedor do sustento da casa, mesmo quando a mulher realiza um trabalho extra doméstico, é visto como um trabalho para complementar a renda da família, o seu foco principal deve ser a educação dos filhos e os afazeres domésticos.

Já M. S.B. se considera a “chefe do lar” juntamente com o seu marido pelo fato da opinião dos dois ser importante para tomar uma decisão. Através desses relatos, percebemos que cada feirante entrevistada tem uma resposta diferente para o questionamento levantado, pois cada uma delas tem as suas subjetividades e perspectivas diferentes em relação a ser “chefe do lar”.

O discurso e a identidade

A produção dos discursos na sociedade contemporânea, segundo Araújo (2006), é variada, devido às identidades plurais que os sujeitos manifestam como o lugar social que ocupam na sociedade. O discurso produzido tem alterações por causa do meio em que o sujeito está inserido. Dessa maneira, o sujeito que se pronuncia, fala de algum lugar que influencia seus pensamentos, ações e discursos. “(...) o discurso é visto como constitutivo, contribuindo para a produção e reprodução dos objetos (dos sujeitos) e da vida social, estando, portanto, relacionado ao cotidiano, à realidade, se referindo a objetos e as concepções valorativas sobre os mesmos.” (ARAÚJO, 2006, p.131).

Os contextos sociais e históricos das mulheres feirantes refletem nas produções de discursos, que estão relacionadas ao ambiente da feira assim como as suas condições sociais. Os discursos vão estar ligados ao perfil sócio-econômico e cultural de cada mulher entrevistada. Nesse sentido, os discursos são elaborados a partir de realidades e lugares sociais que ocupam na sociedade. Os discursos apresentados pelas feirantes são plurais, pois o lugar social, cultural e econômico delas são diferentes, essa variação discursiva é derivada das identidades plurais delas.

Woodward (2000) enfatiza que a teoria cultural contemporânea mostra que a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação. A representação é uma forma de distribuição de sentido, sendo um sistema lingüístico e cultural. É através da representação que a identidade e a diferença passam a existir. Silva concorda com a opinião de Woodward:

“A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” (WOODWARD; 2000:17).

Os diferentes contextos sociais fazem com que as pessoas se envolvam em diferentes significados sociais; agindo, se comportando de forma diferente. Portanto, Woodward destaca:

“A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra.”(WOODWARD; 2000:33)

Esse comportamento é percebido nas mulheres feirantes, pois além de serem feirantes são esposas, donas de casa, mães de família e essas identidades entram em conflito como é o caso de E.F.S.L. quando sai para trabalhar na feira deixa os filhos sozinhos o dia todo no sábado arrumando a casa. Segundo ela:

“olha eu saio daqui dia de sábado, fica esse aqui de 7 anos o pequeno e o de 14 que tem deficiência na visão, fica eles dois, quando eu chego a casa ta do mesmo jeito que eu deixo. E eles fazem tudo varre a casa, lava a louça, faz a comida, da comida ao porco, da comida aos cachorros e fica direito dentro de casa”^{xxx}.

Esse caso relata um conflito existente entre a identidade de ser mãe e a identidade de ser feirante. “*As demandas de uma interferem com as demandas da outra e, com frequência se contradizem*”. (WOODWARD; 2000:32). Para ser uma boa mãe se tem o ideal de que seria necessário estar disponível aos filhos, satisfazendo suas necessidades, mas o trabalho de feirante também exige um total comprometimento com o seu trabalho. As identidades são diversas e cambiantes, nos contextos sociais vividos, nos quais damos sentidos as nossas próprias posições.

Dentre as entrevistadas encontramos duas mulheres feirantes, que tem jornada dupla de trabalho. Como é o caso de R.S.B. que trabalha em casa fazendo artesanato e em alguns dias da semana trabalha na feira vendendo flores, quando a dona do banco precisa viajar para buscar mercadorias ela fica no lugar da dona, vendendo; esse trabalho é para complementar a sua renda, pois boa parte dela vem do trabalho de artesanato que ela faz em casa e vende por encomenda. A outra feirante é G.F. S. que trabalha na feira aos sábados, durante a semana trabalha num colégio com a função de serviços gerais, ela fala que mesmo tendo o seu salário fixo pago pela prefeitura, não deixaria de trabalhar na feira, pois ela gosta de negociar e das amizades com os seus fregueses e com o pessoal que trabalha naquele espaço.

Considerações Finais

Sendo assim, podemos observar que cada mulher entrevistada tem as suas peculiaridades, suas escolhas e opiniões que divergem pelo fato de cada uma ter identidades e subjetividades diferenciadas. Seguindo a noção de identidades plurais que faz referência a crise de identidade, diversidade e heterogeneidade presente na modernidade, podemos concluir que o grupo de mulheres entrevistadas na feira não vê de forma homogênea alguns elementos que foram relatados nas entrevistas.

Notas

ⁱ Mercado informal: composto pelos trabalhadores informais que vivem sem garantia, quanto aos seus vencimentos, não tem obrigações legais a pagar, vivem num clima de completa insegurança.

ⁱⁱ Ver em WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. IN: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu (org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 7-72.

ⁱⁱⁱ G. F. S. é casada sua idade é 39 anos, tem quatro filhos, trabalha na feira desde criança com seus irmãos e Mãe, somente aos sábados e durante a semana no turno da manhã trabalha numa escola próxima a sua casa, na função de serviços gerais.

^{iv} Entrevista concedida pela feirante no dia 21/06/09.

^v L. R.S. tem 37 anos, possui o Primeiro Grau Completo é solteira e não tem filhos. Trabalha na feira desde criança com a sua mãe, vendendo temperos e frutas secas. Entrevista concedida pela feirante no dia 25/06/09.

^{vi} Entrevista concedida pela feirante no dia 21/06/09.

^{vii} M. S. B. tem 42 anos, possui o Segundo Grau Completo é casada tem 3 filhos. Trabalha de segunda a sábado na feira, vende ervas e temperos. Começou a trabalhar na feira depois que foi despedida do emprego num hospital, sendo assim encontrou na feira um meio de conseguir o sustento da família. Entrevista concedida pela feirante no dia 10/07/09.

^{viii} Entrevista concedida pela feirante no dia 10/07/09.

^{ix} M. G. D. C. M. tem 47 anos possui o Primeiro Grau Incompleto, é casada e tem dois filhos. Começou a trabalhar na feira depois que foi despedida de uma firma em que trabalha, com o dinheiro que recebeu do salário desemprego comprou uma barraca e passou a vender lanches. Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^x Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xi} Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xii} R. S. B. tem 35 anos, possui o Segundo Grau Completo, é separada e tem um filho. Começou a trabalhar na feira com sua Mãe, Avó e irmãos quando era criança, vendendo feijão verde debulhado e flores.

^{xiii} Entrevista concedida pela feirante no dia 10/06/09.

^{xiv} M. L.S.S. tem 51 anos possui o Segundo Grau Completo é casada têm dois filhos. Começou a trabalhar na feira, com os seus pais e irmãos desde criança com a venda de doce e bolos. Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xv} Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xvi} Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xvii} Entrevista concedida pela feirante no dia 18/08/09.

^{xviii} E. F. S. L. é casada, têm três filhos, trabalha na feira desde criança com seus irmãos e Mãe. Trabalha vendendo verduras nas sextas-feiras e aos sábados. Ela é irmã da nossa outra entrevistada G. F. S. Entrevista concedida pela feirante no dia 21/06/09.

^{xix} Entrevista concedida pela feirante no dia 21/06/09.

^{xx} Entrevista concedida pela feirante no dia 21/06/09.

Bibliografia

ALMEIDA, Elpídio de. Feiras. In: **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.p 269-268.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande**. Campina Grande: Agenda, 2006.

_____. **Feira Livre: Memória “Viva” da cultura do povo campinense, ao final do século XX?**. Campina Grande: Agenda, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MALUFF, Marina e MOTT, Lúcia. Recônditos do mundo feminino. IN: **História da vida privada no Brasil**. Nicolau Sevcenko (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 367-422.

MATOS, Maria Izilda Santos. de. **Por uma História da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

OLIVEIRA, Sâmala Sonaly Lima. **As identidades e subjetividades das mulheres feirantes na Feira Central de Campina Grande**. Monografia em História, UEPB, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

VÊNANCIO, Giselle Martins. Lugar de mulher é na ... fábrica: Estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). IN: **História: Questões & Debates**. Ana Paula Vosme Martins (org.). Curitiba: Ed. Da UFPR; 2001.p. 175-200.